

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; CORTEZ, Suzana Leite. A construção heterodialógica dos objetos de discurso por formas nominais referenciais. *ReVEL*, vol. 13, n. 25, 2015. [www.revel.inf.br].

## **A CONSTRUÇÃO HETERODIALÓGICA DOS OBJETOS DE DISCURSO POR FORMAS NOMINAIS REFERENCIAIS**

**Ingedore Grunfeld Villaça Koch<sup>1</sup>**

**Suzana Leite Cortez<sup>2</sup>**

ingedore@gmail.com

sucortez@terra.com.br

**RESUMO:** Articulando os pressupostos teóricos da referenciação à abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista, mostraremos, neste artigo, que a construção dos objetos de discurso, por meio das formas nominais referenciais, dá-se por um jogo de vozes que identifica enunciadores distintos, os quais ancoram e sustentam discursivamente o referente, revelando a orientação argumentativa do texto. Nesse processo, o modo de apresentação do referente está diretamente ligado à expressão do ponto de vista. A fim de esclarecer tais questões, apresentaremos, inicialmente, os pressupostos que norteiam a compreensão das formas nominais referenciais, em seguida, discutiremos a noção de ponto de vista. Por fim, realizaremos a análise de alguns textos que evidenciam a construção heterodialógica das formas nominais.

**Palavras-chave:** Referenciação; Formas nominais anafóricas; Heterodialogismo; Ponto de vista.

### **1. REFERENCIAÇÃO E OBJETOS DE DISCURSO**

No campo da Linguística Textual brasileira, especialmente, a teoria da referenciação, à luz de perspectivas sociocognitivas e interacionistas, vem, há quase duas décadas, lançando reflexões sobre o processamento textual e sobre a construção textual do sentido, para os quais a redefinição da noção de referência é crucial. O problema da referência, sob a ótica não representacional, contribuiu para lançar novo olhar sobre a pauta de discussões acerca da “fabricação” da realidade (BLIKSTEIN,

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

<sup>2</sup> Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

1985), redimensionando o papel dos sujeitos sociocognitivamente situados, que discretizam a realidade e dão sentido à língua e ao mundo.

Essa reorientação, no estudo da referência, renovou a compreensão acerca das operações de designação, interpretação e identificação referencial, na tentativa de superar, conforme Marcuschi (2004: 273), “a noção meramente referencialista e representacionalista da língua, para privilegiar as relações intersubjetivas instauradas pelos interlocutores mediante recursos linguísticos”, renovando, ainda, a compreensão acerca do processamento anafórico.

Tal renovação teórica é uma prova de que a referência inevitavelmente passou a ser concebida e investigada como uma atividade discursiva, na qual estão implicados aspectos sociocognitivos. Isso não implica negar o valor referencial da língua, mas “rever a maneira como se dá esse processo de referenciação” (MARCUSCHI, 2007a: 141). Por essa ótica, não faz mais sentido falar em referentes mundanos ou objetos de mundo, segundo Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), se se entende que os sujeitos estão no centro da atividade de designação, manipulando o desenvolvimento no discurso daquilo que denominam de “objetos de discurso”. Esses autores recusam um tratamento puramente lógico das operações de designação por não considerarem uma relação rígida entre língua e mundo.

Na mesma direção, Mondada e Dubois (1995) e Mondada (2001), consideram, que, embora a questão da referência tenha sido historicamente concebida como um problema de representação do mundo, em termos de verdade e correspondência, essa questão deve ser deslocada para um *tratamento que privilegie a relação intersubjetiva e social, na qual versões do mundo são publicamente elaboradas e avaliadas pelos sujeitos enunciadore*s. Por essa razão, as autoras passam a utilizar o termo *referenciação* para tratar da referência como um processo realizado no discurso, resultante não de uma ontologia dada, mas de práticas simbólicas complexas, que, numa dimensão intersubjetiva, são responsáveis por produzir a ilusão de um mundo objetivo. Essa ilusão, que funciona como uma espécie de referencial para interpretar os fatos linguístico-discursivos como algo instável, variável e, até mesmo, subjetivo, é, segundo Marcuschi (2007a: 139), a “nossa condição discursiva”.

Ainda segundo essas autoras, as práticas simbólicas não estão associadas a um sujeito cognitivo, abstrato e ideal, solitário face ao mundo, mas à construção de objetos cognitivos e discursivos na intersubjetividade de negociações e modificações

de concepções públicas do mundo. Por essa razão, as verdades constituem “produções discursivas”, que têm como ponto de intersecção o mundo empírico e mentes que podem agir intersubjetivamente. Isso faz com que a própria objetividade tenha sua fonte na intersubjetividade, já que o conhecimento dito objetivo, assim como as verdades e as categorizações, são frutos de uma “triangulação entre dois indivíduos e o mundo” (MARCUSCHI, 2007a: 132). Assim, os objetos de conhecimento são *objetos de discurso*.

É através dessa ideia de objetos construídos discursivamente que o debate sobre a categorização, tema corrente nas discussões acerca da referência, pôde ser deslocado para a interação social. Mondada (1994) fala em “processos contextuais de construção de categorias”, que devem ser entendidas como fenômenos discursivos numa dimensão interacional. Por essa forma de compreender as categorias, o léxico não pode ser visto como um conjunto de etiquetas disponíveis, mas como um material constantemente retrabalhado no discurso. Como explica Marcuschi (2007a: 135), “um item lexical pode dar origem a uma série de associações e ser a entrada para a reativação de um amplo domínio cognitivo”, o que justifica o entendimento do léxico como um “sistema de enquadres” e não como uma lista de itens referidores.

De acordo com essa abordagem, as categorias não podem ser tratadas como estruturas invariáveis, fixadas *a priori* e capazes de “realisticamente” ou objetivamente agruparem o mundo, nem como protótipos ou formas universalizantes, mas como criação, transformação (daí seu caráter flexível e dinâmico), ou ainda, como *posições enunciativas*, que intervêm na estruturação do discurso e na construção de sua coerência. Assim, é possível, como faz Mondada, questionar-se sobre o modo como as categorias emergem das práticas sociais para organizar e ordenar o mundo social, além de observar a maneira pela qual os sujeitos as tratam e as estabelecem no curso de ações específicas.

É esse tratamento que interessa, aqui, discutir no âmbito da teoria da referenciação, através das formas nominais, que não apenas evidenciam escolhas do sujeito em interação com outros sujeitos, mas também “versões” ou modos de perspectivar o referente/objeto de discurso na relação com outros enunciadores. Assim, mostraremos, neste artigo, que a construção dos objetos de discurso se dá por um jogo de vozes, que identifica enunciadores distintos, os quais ancoram e sustentam discursivamente o referente, revelando a orientação argumentativa do texto. Dito de outro modo, se os estudos sobre a referenciação propiciaram a

valorização e o reconhecimento das *relações intersubjetivas* instauradas no discurso, interessa, ainda, analisar, de forma mais atenta, de que modo o encadeamento das formas nominais revela essas relações e em que medida elas contribuem para instaurar perspectivas, expressando pontos de vista.

Objetivando tal discussão, apresentaremos, inicialmente, os pressupostos que norteiam a compreensão das formas nominais no quadro da referenciação e, em seguida, discutiremos a noção de ponto de vista. Por fim, realizaremos a análise de seis textos que evidenciam a construção heterodialógica das formas nominais para a expressão do ponto de vista.

## **2. FORMAS NOMINAIS NA PROGRESSÃO REFERENCIAL**

O encadeamento dos referentes para o processamento textual do sentido, como mostram os trabalhos de Marcuschi e Koch<sup>3</sup>, é feito por diferentes estratégias de referenciação, nominais e pronominais. Dentre essas estratégias, destacamos as expressões ou *formas nominais referenciais*, que são um dos recursos coesivos mais produtivos da textualidade. Como destaca Koch (2004: 244), “são formas nominais anafóricas os grupos nominais com função de remissão a elementos presentes no cotexto ou detectáveis a partir de outros elementos nele presentes”<sup>4</sup>. Francis (1994) as analisa como um recurso coesivo extremamente comum nos discursos de natureza argumentativa, uma vez que, através do encapsulamento anafórico, elas rotulam, predicam, avaliam e orientam a interpretação de uma porção antecedente do discurso ou uma quantidade variável de informações precedentes.

Assim, as formas nominais caracterizam-se por operar uma seleção dentre as diversas propriedades do referente, que, em dada situação discursiva, interessa destacar e que são relevantes para viabilizar o projeto de dizer do produtor do texto. É nessa seleção de propriedades que as formas nominais definidas e indefinidas admitem não apenas determinantes, mas também modificadores, que podem ser adjetivos e orações adjetivas, escolhidos de acordo com a orientação argumentativa

---

<sup>3</sup> Citamos alguns destes trabalhos: Koch (2002; 2004), Marcuschi (2005), Marcuschi e Koch (1998), Koch e Marcuschi (1998).

<sup>4</sup> É nesse sentido que o alargamento da noção de anáfora, representado pela distinção entre anáfora direta e anáfora indireta, tal como trata Marcuschi (2005), é crucial para considerar que as formas nominais podem remeter a referentes pontuais ou encapsular uma quantidade variável de informações precedentes no discurso.

que se pretende dar ao texto. Os constituintes<sup>5</sup> das formas definidas, pronomes demonstrativos e artigos definidos, já foram bastante discutidos no quadro da referenciação (DE MULDER, 1990; APOTHÉLOZ; CHANET, 1997; APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1999), em virtude da frequência com que operam a retomada anafórica. Todavia, essa função coesiva não se limita às formas definidas. Ainda que seja mais comum às formas indefinidas introduzir um referente, elas também podem operar retomadas anafóricas, como se observa no trecho (1) em que o referente “uma gavetinha” ao ser introduzido pelo artigo indefinido é também retomado por forma nominal anafórica indefinida:

- (1) Tudo começou quando resolvi mudar do décimo para o quarto andar, aqui mesmo neste edifício da alameda Franca. [...].  
Eu não conhecia ainda os vizinhos quando o fato se deu. Passei o dia levando coisas lá para baixo. Há dois dias faço isso ajudado pela Cristina.  
Uma das últimas viagens e lá ia eu – com a Cris ao lado – descendo pelo elevador. Carregávamos o criado-mudo. O criado-mudo tem uma gavetinha.  
Quando a porta se abriu, tinham duas famílias esperando. Meus vizinhos. Pai, mãe, crianças e até uma avó. Foi quando eu estendi o braço para me apresentar como o novo vizinho que tudo aconteceu. E foi muito rápido. Muito.  
Quando eu tirei a mão do movelzinho para cumprimentar aqueles que agora são meus vizinhos, **a gavetinha** deslizou. Eu ainda tentei uma gingada com o corpo para ver se evitava a catástrofe, mas não adiantou. **A filha da puta** estava indo para o chão, lisa como o quiabo.  
Estava indo para o chão com tudo dentro. E não existe nada mais indiscreto do que **uma gavetinha de criado-mudo de um homem que mora sozinho**. Ou mesmo que não more. Ali você vai jogando coisinhas, papéis. Coisas, enfim. Coisas que só têm um destino na vida: **a gavetinha do criado-mudo**.  
Entre **a danada** escapar do móvel e esparramar tudo pelo chão não devem ter sido nem dois segundos (PRATA, Mário. *Minhas tudo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001).

Fica evidente, por esse trecho, que as formas nominais anafóricas operam uma seleção entre as diversas propriedades do referente. No trecho, por meio da recategorização lexical, termos não sinônimos, como, por exemplo, “gaveta” e “filha da puta”, estabelecem relação de correferencialidade, mostrando a flexibilidade e heterogeneidade semântica dos objetos de discurso na progressão referencial. Por isso, a escolha de uma expressão contextualmente adequada pode passar por diversos graus de reformulação daquele significado socialmente reconhecido e estabilizado (não estático), pois pode haver uma “recategorização radical” (MONDADA; DUBOIS,

---

<sup>5</sup> Berrendoner (1995) trata dos adjetivos, orações adjetivas e complementos adnominais constitutivos das formas nominais, que o autor denomina de “descrições nominais”.

1995) do referente, que faz com que termos não sinônimos partilhem de uma significação.

Isso significa dizer que o enunciador tem, ao seu dispor, uma série de alternativas para designar referentes, inclusive os mesmos referentes, escolhendo palavras que, a princípio, possam ser impossíveis de relacionar, porque não cossignificam (KOCH; MARCUSCHI, 1998). A recategorização lexical de um objeto, como mostram Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), opera duplamente: não apenas refere (aponta), como também predica atributos (modifica) sobre um determinado objeto e por isso a expressão referencial pode ser usada para ajustar o saber disponível sobre o objeto de discurso, como acontece na crônica, já que dois referentes são retomados por formas nominais recategorizadoras: “o fato” é retomado por “a catástrofe”, e “uma gavetinha” por “a filha da puta”.

Assim, a gaveta descrita na crônica não é *uma gavetinha* qualquer, sem importância, mas “uma gaveta de criado-mudo de um homem que mora sozinho”, e que, em razão das circunstâncias narradas, é contextualmente situada, configurada, apreendida e apresentada como “a filha da puta”, “a danada”, por tudo que ela pode revelar sobre esse homem. Por isso, as formas nominais referenciais, como estratégias de referenciação, desempenham papel *importante para a construção do ponto de vista*, porque sua seleção lexical aponta para uma instância discursiva ou centro de perspectiva – o narrador/personagem – a partir do qual o fato é apreendido e os objetos de discurso apresentados.

Ao guiarem o interlocutor na construção do sentido, as formas nominais (ou expressões nominais remissivas):

funcionam como uma espinha dorsal do texto, que permite ao leitor/ouvinte construir, com base na maneira como se encadeiam e remetem umas às outras, um “roteiro” que irá orientá-lo para determinados sentidos implicados no texto e, conseqüentemente, para as leituras possíveis que, a partir dele, se projetam (KOCH, 2005: 46).

Para Francis (1986), esses grupos nominais, como “sinais interativos”, desempenham um papel importante na negociação entre autor e leitor, pois, em função do caráter altamente informativo, essas expressões contribuem para prover o leitor de um quadro conceitual relevante para o entendimento do projeto de dizer do produtor (“writer’s plan”). De acordo com Francis, os grupos nominais, ao rotularem (“labelling”) uma porção do discurso, integram e relacionam esta porção com o

argumento que está sendo desenvolvido, de modo que configure a orientação argumentativa pretendida pelo produtor, como pode ser observado no trecho (2):

- (2) Do ponto de vista de quem é espionado, ela [a espionagem] implica em ataques à soberania e ameaça a direitos. Invisível, é quase impossível de combater. Seu efeito daninho é inegável. Permite um grau infinito de manipulação nas relações internacionais, já que uma das partes tem acesso aos segredos da outra.

A melhor atitude seria cruzar os braços e conformar-se com essa situação?

Seguindo **este raciocínio** seria pura ingenuidade tentar obrigar o governo dos Estados Unidos, titular de um orçamento militar sem comparação no planeta, aceitar regras que contrariem seus interesses (LEITE, Paulo Moreira. *Restaram canhões e espiões*. Disponível em: [http://istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/326263\\_RESTARAM+CANH OES+E+ESPIOES](http://istoe.com.br/colunas-e-blogs/coluna/326263_RESTARAM+CANH+OES+E+ESPIOES). Acesso em: 29 set. 2013).

Através do encapsulamento, as formas nominais contribuem, segundo Koch (2002), para rotular uma parte do cotexto que as precede e para estabelecer um novo referente que, por sua vez, poderá constituir um tema específico para os enunciados subsequentes, como ocorre no trecho (3) abaixo com a forma nominal encapsuladora “o ataque”, que é retomada por “tanto empenho” e “a covarde tocaia”:

- (3) Dona Izabel, pernambucana, é empregada doméstica, tem 38 anos, um marido e quatro filhos. [...].

Foi quando resolveu levar para a sua casa uma cebola, uma cabeça de alho, um tablete de caldo de carne e uma lata de ervilhas, sem pedir permissão aos patrões, ambos publicitários, aqueles que vivem vendendo alhos por bugalhos.

La saindo calmamente quando foi interceptada pelo patrão e pelo zeloso zelador que estavam de tocaia na garagem à espera da criminosa. Tente imaginar os dois na garagem escondidos da própria empregada, falando baixinho, planejando **o ataque**. Sendo que, para **tanto empenho**, o patrão voltou mais cedo do serviço. Maquiavel puro. Anticrime premeditado. Não bastasse **a covarde tocaia**, chamaram uma viatura da polícia (PRATA, Mário. Alhos por Bugalhos. *Estadão*, 15/05/02).

Conte (2003) compreende essa função sumarizadora dos grupos nominais como paráfrases resumidoras de uma porção precedente do texto. Desse modo, as formas nominais não somente funcionam como um recurso coesivo, mas também são “um poderoso meio de manipulação do leitor”, porque operam “uma avaliação dos fatos e eventos descritos”, como ainda pode ser observado neste trecho (4) através da forma nominal “a ‘rebelião’ latino-americana”:

- (4) Do caso de espionagem dos Estados Unidos, que afetou o Brasil, à pressão dos fundos “abutres” sobre a Argentina, passando pelo capitalismo selvagem e

pela falta de democracia na ONU: a América Latina fez barulho e se fez ouvir na Assembleia Geral, em Nova York. Se fosse necessário apontar uma liderança à "**rebelião**" latino-americana, o nome mais evidente seria o da presidente brasileira, Dilma Rousseff, encarregada de inaugurar o encontro anual de líderes mundiais, na terça-feira (24), com um discurso firme incomum em relação ao governo americano, diante de Barack Obama (*Latinos fazem barulho na assembleia*. Mariano Andrade/Agência France-Press. *Jornal do Comercio*. 29/09/2013).

Os trechos que analisamos nesta seção contribuem para o entendimento do papel que as formas nominais desempenham na progressão referencial. Contudo, esse papel não se limita ao ato de apontar referentes ou identificá-los no texto/discurso para o estabelecimento da coesão. O encadeamento das formas nominais exerce um papel fundamental no processamento textual e na construção deste "roteiro" de leitura em que estão envolvidos aspectos cognitivos, semânticos, pragmáticos, axiológicos etc. Dessa maneira, existe uma relação intrínseca entre as formas nominais e a "construção dirigida das interpretações" (RABATEL, 1997), o que nos faz considerá-las como recursos linguísticos que atuam expressivamente na orientação argumentativa do texto, revelando-se como um instrumento útil para a análise da expressão do ponto de vista em diferentes gêneros do discurso. Seguindo essa compreensão, o estudo da referenciação, através das formas nominais, convoca a discussão sobre esse componente axiológico e intersubjetivo envolvido na construção da referência, ou seja, sobre as instâncias discursivas que ancoram e perspectivam os objetos de discurso. Nesse sentido, a relação entre sujeitos enunciadores e/ou interlocutores e objetos de discurso é um tópico que ainda pode ser largamente explorado no âmbito dos estudos sobre a referência.

O quadro teórico que aqui convocamos para esta exploração e diálogo é representado pela abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista (RABATEL, 1997; 2008; 2013) que comentaremos no tópico seguinte.

### **3. PONTO DE VISTA E ENUNCIADORES**

Ao articularmos a visão discursiva e sociocognitiva da referência (MONDADA; DUBOIS, 1995; APOTHÉLOZ; REICHLER-BÉGUELIN, 1995; KOCH; MARCUSCHI, 1998; KOCH, 2002; MARCUSCHI, 2005; 2007a) à abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista (RABATEL, 2008; 2013), nossa preocupação incide sobre as *formas nominais e seu modo de apresentação, que necessariamente*

*assinalam enunciadores*. Se o modo de apresentação dos referentes implica enunciadores no discurso, então, a análise das formas nominais não pode ser feita sem que se considerem as instâncias discursivas – produtor do texto e enunciadores – que atuam na construção da referência. Em termos mais específicos, podemos dizer que a análise das formas nominais possibilita investigar as relações entre locutor e enunciator no discurso, o que caracteriza fundamentalmente a expressão do ponto de vista<sup>6</sup>. Em síntese, a construção dos objetos de discurso e, por consequência, o modo de apresentação dos referentes, estão diretamente relacionados à expressão textual-discursiva do ponto de vista.

Rabatel (2013: 25) defende explicitamente que: “a referenciação dos objetos de discurso está articulada com a maneira como o locutor/enunciador se posiciona no seu discurso” na relação com outro(s) enunciator(es). Por essa razão, o *ponto de vista* (pdv) indica julgamentos e conhecimentos que o enunciator projeta sobre o referente. A referenciação, portanto, nunca é neutra, pois os critérios cognitivos (interpretativos, reflexivos), axiológicos, ideológicos, que emergem no “dizer”, dão ao pdv uma dimensão argumentativa. Dessa forma, por meio da referenciação, é possível identificar a presença de um enunciator, que nem sempre “fala”, pois suas falas e percepções podem ser representadas<sup>7</sup> por um locutor/enunciador primeiro (L1/E1 – produtor do texto) através dos verbos introdutórios de citação<sup>8</sup> ou expressões conformativas (para, segundo, conforme, etc.), por exemplo. Por isso, para Rabatel (2008), identificar um enunciator no discurso implica procurar sua presença por meio da referenciação dos objetos de discurso e da posição de L1/E1 em relação a esse enunciator; para o autor, a referenciação nunca é neutra, mesmo quando os enunciadores avaliam, modalizam ou comentam o menos possível.

De forma velada ou explícita, L1/E1 como enunciator principal de um texto, seja como agente do dizer ou da representação de um conteúdo perceptivo atribuído a outrem, é responsável pelas escolhas lexicais, pela seleção das informações, das percepções e das palavras enquanto locutor/enunciador. Tal ação evidencia um

---

<sup>6</sup> Embora sejam diversos os recursos linguísticos que colaboram para sua expressão (conjunções, tempos verbais, advérbios, comparações e indicadores de modalidade), destacamos aqui as formas nominais referenciais, já que estas formas constituem recursos privilegiados em função de sua natureza avaliativa por recategorização lexical.

<sup>7</sup> A representação do ponto de vista, através do discurso outro, não será alvo de discussão neste artigo. Tal discussão pode ser vista em Cortez e Koch (2012) e Cortez (2012).

<sup>8</sup> Estes verbos, que em grande parte atuam como “verbos introdutórios de opinião” (cf. MARCUSCHI, [1991] 2007b), contribuem para a “colocação” da perspectiva do outro no discurso, não apenas por meio de suas falas (o “dito”), mas também pela forma como suas falas, percepções e ações (o *modus*) são interpretadas/avaliadas pelo locutor.

trabalho sobre o conteúdo do discurso, inserindo o sujeito produtor do texto nessa prática discursivo-argumentativa. Ainda que a inserção do sujeito no processo de referenciação não seja uma preocupação de alguns autores que tratam da referência, como Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), estes autores afirmam que as designações não podem ser feitas independentemente da instância que assume posição.

Assim, articular o estudo da referenciação à abordagem enunciativo-interacional do ponto de vista significa considerar não apenas a introdução, a articulação, a retomada e a progressão referencial para a coesão e a coerência textuais, como propõem os estudos da referenciação, mas também o *modo de apresentação dos objetos de discurso*. Obviamente, as coisas não são simples assim, porque a apresentação dos objetos passa necessariamente por um jogo dialógico do qual participam diferentes enunciadores. E essa inserção do sujeito não se dá apenas quando este assume o conteúdo propositivo, a palavra e/ou a fala (*prise en charge*), mas ainda quando um enunciador se inscreve pelo conteúdo perceptivo, falas ou modo de dizer e de agir que o outro lhe atribui (imputação) no discurso.

Seguindo uma orientação mais pragmático-interacional, o estudo do pdv na dimensão enunciativa (RABATEL, 2008; 2013) extrapola questões mais estruturais, como a do foco narrativo, passando a ser associado à coerência textual. Essa análise do pdv em conexão com o leitor ou como um mecanismo propulsor da interpretação abre espaço para abordá-lo em sua dimensão interacional e argumentativa, na medida em que põe em evidência os procedimentos discursivos para “fazer ver” os objetos de discurso com vistas à determinada interpretação. Assim, o problema da perspectivização passa a ser visto pela relação *sujeito enunciator e objeto de conhecimento*, particularizando no discurso um recorte social, histórico e ideológico da realidade ou do conteúdo interpretado, que é inescapável à interferência do outro.

Nessa dimensão, compreendemos que o heterodialogismo<sup>9</sup> marca a construção dos objetos de discurso, não sendo possível conceber de forma indistinta, enunciadores e pontos de vista. Os primeiros ligam-se à entidade ou à instância discursiva fonte de um dizer ou conteúdo perceptivo, enquanto que os segundos apontam para o próprio conteúdo construído no entrecruzamento de vozes, em

---

<sup>9</sup> Em consonância com Rabatel (2008), utilizamos o termo heterodialogismo para diferenciá-lo do autodialogismo na expressão do ponto de vista. O autodialogismo pode ser caracterizado por formas nominais referenciais anafóricas que indicam a reformulação do pdv do locutor/enunciador primeiro por um ajuste perceptivo do referente na cadeia anafórica. O exemplo da “gavetinha” no trecho (1) é uma evidência desse ajuste cognitivo (Cf. CORTEZ; KOCH, 2012).

consonância ou em dissonância. Dessa forma, não se estabelece uma relação simétrica entre enunciador e pdv – como se para cada enunciador, um pdv – pois, exatamente pelo caráter dialogal dessa construção, vários enunciadores podem circunscrever-se à mesma perspectiva, ou do contrário diferentes enunciadores podem assinalar pontos de vistas dissonantes, que por uma tensão dialógica, se inscrevem no texto, ainda que frequentemente haja um pdv principal que os gerencia<sup>10</sup>.

Por essa razão, a análise da dimensão argumentativa do pdv no discurso exige um olhar atento sobre como os pdv se associam, se imbricam ou se distanciam, o que possibilita observar a relação que se estabelece entre os enunciadores no discurso. Ao demais, a manifestação do pdv de enunciadores segundos no texto de L1/E1 ou a influência deste pdv sobre o pdv do locutor/enunciador primeiro é o que caracteriza o heterodialogismo num movimento dinâmico de retomada e reinterpretção dos referentes como veremos no tópico seguinte. Tal movimento, que pode se dar no acordo ou desacordo, efetiva-se pelos mecanismos da *prise en charge*<sup>11</sup> e da imputação.

De forma sintética, a *prise en charge* pode ser definida como uma operação enunciativa em que o enunciador assume como “verdadeiro” a proposição de um enunciado ou aquilo sobre o qual toma posição. Para Haillet (2004: 10), “um ponto de vista representado como emanado pelo locutor (ou como proveniente dele) é necessariamente assumido por ele”. Haillet (2007: 42) afirma, ainda, que o pdv que é representado como assumido pelo locutor, é também representado como integrado à realidade do locutor. Nesse sentido, a realidade do locutor corresponde àquilo que ele assume como “verdadeiro”, àquilo que acredita e, portanto, defende.

Ademais, é no contexto do dialogismo que a questão da *prise en charge* se torna muito mais complexa. Representar o dizer, a ideia ou a percepção de alguém e se posicionar sobre isso é extremamente recorrente nas situações de interação. Por isso Rabatel (2009: 72) propõe o alargamento dessa noção, que não envolve apenas o locutor/enunciador primeiro, porque se estende aos outros enunciadores. Para o autor, esses enunciadores segundos podem ser considerados sob determinada forma

---

<sup>10</sup> Essa tensão enunciativa é característica das situações de embate ou dos discursos de natureza conflitual, como é o caso do discurso político.

<sup>11</sup> Embora o termo receba acepções diversas a depender do quadro teórico (atos de fala, blocos semânticos, polifonia, dialogismo, vericondicionalidade), são raras as definições teóricas sobre essa noção, segundo Coltier *et al.* (2009). Antoine Culioli foi um dos primeiros a utilizar o termo *prise en charge*, no artigo “modalidade”, da *Encyclopédie Alpha*, v.10, Paris, Grange Batelière et Novare, Instituto Geografico de Agostini, 1971.

de PEC, na verdade uma “quase PEC” ou à “responsabilidade limitada”. Esse tipo de PEC à responsabilidade limitada, o autor chama de *imputação*. Dessa forma, a PEC corresponde à responsabilidade “integral” de L1/E1 na expressão de seu pdv e difere da imputação, na medida em que os pontos de vistas são atribuídos por L1/E1 a enunciadores segundos, não sendo assumidos integralmente por L1/E1. A imputação é também um modo de L1/E1 posicionar-se em relação ao enunciador segundo.

Para melhor compreensão desse dinamismo, passemos à exemplificação da construção heterodialógica das formas nominais referenciais na expressão de pontos de vista.

#### 4. EXEMPLIFICANDO AS FORMAS NOMINAIS HETERODIALÓGICAS

Importa considerar que, nos exemplos que se seguem, a construção das formas nominais e, conseqüentemente, o encadeamento referencial, ancora-se fundamentalmente por um jogo de vozes que identifica enunciadores ora em consonância, ora em dissonância. Retomamos a crônica “Alhos por bugalhos” para analisar o heterodialogismo marcante na construção das formas nominais. No trecho (5), evidenciam-se ao menos quatro enunciadores: o patrão, o zelador, o delegado e o narrador:

- (5) Dona Izabel, pernambucana, é empregada doméstica, tem 38 anos, um marido e quatro filhos. Trabalhava num edifício chamado New Orleans e ganhava um salário mínimo por mês, o que já é **um roubo** de quem paga isso para uma senhora ficar na sua casa o dia inteiro, lavando cueca suja, passando calcinhas rendadas e cozinhando comidas que ela nunca vai comer.

Foi quando resolveu levar para a sua casa uma cebola, uma cabeça de alho, um tablete de caldo de carne e uma lata de ervilhas, sem pedir permissão aos patrões, ambos publicitários, aqueles que vivem vendendo alhos por bugalhos.

La saindo calmamente quando foi interceptada pelo patrão e pelo zeloso zelador que estavam de tocaia na garagem à espera da **criminosa**. Tente imaginar os dois na garagem escondidos da **própria empregada**, falando baixinho, planejando o ataque. Sendo que, para tanto empenho, o patrão voltou mais cedo do serviço. Maquiavel puro. Anticrime premeditado. Não bastasse a covarde tocaia, chamaram uma viatura da polícia. Não sei se teve algema. Mas foram para a delegacia. O delegado levou **a coisa** a sério, prendeu **a elementa** e justificou com uma frase muito bonita:

- Ela vai responder por furto, sim. **O flagrante** está perfeito e o que ela praticou não é um crime famélico (sic). Este só se caracteriza quando a pessoa é miserável e não tem emprego.

Portanto, para a autoridade de plantão, quem tem emprego de um salário mínimo não é miserável nem famélico; é brasileiro como todo mundo. Já para a cela. Lá, dona Izabel dividiu sua noite com traficantes, ladras e estelionatárias. Boa coisa não deve ter aprendido. No dia seguinte, o juiz corregedor lhe deu

liberdade provisória. Voltou para casa e vai responder ao processo em liberdade. Como se **essa mulher** algum dia vai conseguir paz e liberdade.

Eu perguntaria aos seus patrões se eles nunca roubaram quatro reais. Por exemplo: quando eles compraram um apartamento, ele e o vendedor declararam o preço pago, ou mais baixo, por conta do imposto de renda? Fiquem tranquilos. Todos nós fazemos isso. É normal... Só aí já haveria um roubo de alguns milhares de quatro reais dos cofres públicos e do nosso bolso.

[...]

Não conheço o casal e posso estar fazendo mau juízo dos dois. Mas acontece que todos nós cometemos **esses pequenos pecados do furto de nós mesmos e da nação**. [...] (PRATA, Mário. Alhos por Bugalhos. *Estadão*, 15/05/02).

Para a análise desse texto, destacamos três referentes: um pontual - i) Dona Izabel, e os outros dois construídos por encapsulamento - ii) a ação de adquirir algo e iii) a ação dos patrões e do zelador. A construção desses referentes é ancorada pelas vozes distintas que se vislumbram no texto.

Assim sendo, a cadeia referencial correspondente à Dona Izabel, constitui-se das seguintes formas nominais: “a criminosa”, “a própria empregada”, “a elementa” e “essa mulher”. É evidente que essas formas nominais não situam as mesmas vozes, pois o semantismo dos itens lexicais que as compõem identifica diferentes enunciadores ou centros de perspectivas, ainda que esses “não falem”. A forma “a criminosa”, apesar de dita por L1/E1, indica o pdv dos patrões e do zelador, assim como a forma nominal “a própria empregada” que indica o pdv dos patrões pelo uso do adjetivo de posse. Por sua vez, “a elementa” assinala o pdv do delegado e “essa mulher” assinala o pdv de L1/E1 por PEC integral. Com exceção de “essa mulher”, as demais formas não são assumidas integralmente pelo narrador, configurando uma PEC à responsabilidade limitada, conforme Rabatel (2009). Como consequência, essas formas, que são atribuídas aos enunciadores segundos, configuram-se por imputação, contribuindo não apenas para indicar a existência de outros enunciadores no discurso, mas também para ancorar um ponto de vista dissonante ao pdv principal assumido por L1/E1 na crônica. Nesse contexto, a expressão “um roubo”, que aparece logo no início do texto, funciona como uma espécie de gatilho cognitivo que antecipa (ironicamente<sup>12</sup>) à posição contrária do narrador em relação aos patrões, a qual vai tecer a orientação argumentativa da crônica e guiar sua interpretação (“roteiro” de

---

<sup>12</sup> Esse tom irônico tão característico do gênero crônica pode ser associado ao que professou Antônio Cândido no volume 5 da série “Para Gostar de Ler” da Editora Ática a respeito da crônica: peça leve, produto *sui generis* do jornalismo, através do qual se pode dizer as coisas mais sérias e empenhadas por meio de uma conversa aparentemente fiada. E que, segundo ele, foi largando o compromisso de informar e comentar, para ficar, sobretudo, com o de divertir, sem contudo deixar de entrar fundo no significado dos atos humanos, levando longe a crítica social.

leitura). Neste roteiro, o narrador se sobressai e engendra as vozes dos personagens, construindo os objetos de discurso sobre influência desses enunciadores segundos, embora não os assuma integralmente, com exceção das formas que particularizam seu pdv, a exemplo de “esses pequenos pecados do furto de nós mesmos e da nação”. Por essa forma nominal, que encapsula as informações precedentes do texto (a ação de Dona Isabel e o que seria atribuído aos patrões na compra de um apartamento), o narrador revela o pdv principal que guia a interpretação da crônica e marca distanciamento em relação aos outros enunciadores. Em virtude disso, a forma “essa mulher” não se constitui de modo neutro, pelo contrário, contribui, sob a tutela do pdv principal, para neutralizar o efeito pejorativo das formas referentes à Dona Isabel das quais ele se distancia e discorda, fazendo sobressair seu pdv como o eticamente mais “correto”, “mais verdadeiro”, ou digno de convencimento.

Essa forma dissonante de conceber os objetos de discurso pode ser observada também no modo como o narrador situa o pdv do delegado através da forma “o flagrante” que encapsula as informações acerca da ação planejada do patrão. Na outra polaridade, esse mesmo referente é denominado de “a coisa” pelo narrador. Têm-se, assim, mais um referente que se encadeia por formas dissonantes, caracterizando o heterodialogismo de sua construção.

No trecho (6) da crônica “Tempo antigo”, podemos identificar a construção heterodialógica de outro referente, a personagem Anastácia. Ela é designada por formas nominais anafóricas, que situam dois enunciadores diferentes (Helena e suas amigas), embora os pontos de vista sejam consonantes:

- (6) Até o nome era perfeito. Anastácia. A Helena só não disse para as amigas que ela tinha caído do céu porque imaginou a Anastácia, gorda daquele jeito, caindo em cima da sua casa e demolindo tudo. Mas que tinha sido um milagre encontrar **uma cozinheira como aquela, como não se via mais, saída de um livro antigo**, tinha. Os cabelos brancos, o sorriso permanente na grande cara preta, os peitos enormes, a simpatia. E dava para ver só pela cara que a sua comida era boa. Boa como também não se encontrava mais.

- Ela me pediu um tacho para fazer goiabada. Vocês acreditam? Vamos ter goiabada feita em casa!

As amigas tinham toda a razão para invejar a Helena. De onde saíra **aquela maravilha?**

- Ela se apresentou. Com credenciais e tudo. Pediu um pouco alto, mas dava para resistir? Com aquela cara? Contratei na hora.

[...]

Dava para resistir **àquela cara?** (VERÍSSIMO. Tempo Antigo. *Estadão*, 21/07/02).

Neste trecho, as formas nominais “uma cozinheira como aquela, como não se via mais, saída de um livro antigo” e “aquela maravilha” retomam o referente Anastácia sob a ancoragem de duas vozes e um ponto de vista. Este pdv se sobressai na crônica e o narrador assume-o quando retoma por repetição o referente “aquela cara”. Enunciada na fala de Helena, essa forma reaparece na voz do narrador, indicando consonância e PEC integral. Assim, podemos dizer que a construção dos objetos de discurso é, sem dúvida, heterodialógica ainda quando feita sob a luz de um mesmo pdv, pois os enunciadores são distintos.

É exatamente isso que podemos observar nos trechos das reportagens seguintes, em que se destacam dois enunciadores o locutor/jornalista e o profissional especializado (enunciador especialista) que contribui com informações específicas acerca do conteúdo perceptivo em discussão nos textos.

- (7) Elas preferem caras sensíveis. Um estudo publicado no *British Journal of Psychology* (Inglaterra) descobriu que as garotas julgam o altruísmo tão atraente quanto a beleza, a riqueza ou a fidelidade. “É algo que permanece; ao contrário da beleza, que passa com o tempo”, atesta a sexóloga Jussania Oliveira, consultora da MH. “E encontrar **um altruísta** é como achar agulha no palheiro”. Seja **essa espécie em extinção**: diga que sempre quis fazer um trabalho voluntário e dê a ideia de se engajarem (WILLIAMS, Nicky; SOUZA, Marcela. Macho alfa, ativar! *Revista Men's Health*, n. 43, novembro 2009).

No trecho (7), o referente “um altruísta”, enunciado pela sexóloga através do discurso direto, é retomado por L1/E1 através da forma nominal avaliativa “essa espécie em extinção”. Contudo, é interessante observar que essa forma nominal anafórica, mesmo retomando um referente pontual, não desconsidera as informações precedentes fornecidas pela sexóloga (enunciador segundo – e2). Em outros termos, o uso da expressão “espécie em extinção” está em coerência com a comparação utilizada por e2 ao falar sobre a chance de se encontrar um altruísta: “é como achar agulha no palheiro”. Assim, a forma anafórica homologa, reforça e valida o dizer de e2 em que L1/E1 se apoia para orientar argumentativamente o texto.

Tal simetria enunciativa caracteriza a postura de coenunciação que faz com que L1/E1 tome sob sua responsabilidade o pdv do enunciador segundo, caso de PEC integral. Isso ocorre de tal modo que não há espaço para a imputação ou PEC limitada, por isso o enunciador “fala”. Essa inserção de uma citação direta do discurso outro contribui para dar maior credibilidade e veracidade àquilo que o veículo midiático assume.

Também no trecho (8), é de tal modo notável a construção heterodialógica do objeto de discurso, que a forma nominal “o homem do canto”, enunciada pelo especialista (discurso direto) em outro contexto e reapresentada no texto de L1/E1, está inteiramente em coerência com a descrição do referente identificada nas primeiras linhas do trecho por L1/E1:

- (8) Chega à balada e não diz muito. Discreto propositalmente se coloca meio de lado. Parece um tanto desinteressado e mal-humorado. Mas, sempre observando tudo, é ele que intriga o olhar, e o desejo da garota mais bela da festa. “**O homem do canto** sabe que se postar em segundo plano deixa as mulheres curiosas. Ele pode ser uma atração irresistível”, diz Susan Marchant-Haycox, psicóloga juramentada (MORTON, David. Sedutores lendários. *Revista Men’s Health*, n.50, junho 2010).

Nesse caso, não resta dúvida de que o produtor do texto alinha seu discurso ao discurso outro mesmo tecendo uma descrição inicial sobre o referente ainda “desconhecido”, que vai pouco a pouco sendo apresentado através dos verbos de ação (chegar e observar), de estado (parecer) e da predicação “um tanto desinteressado e mal humorado”. Assim, o produtor do texto utiliza uma forma nominal, enunciada por outro enunciador em outro contexto, a favor da coesão do texto. Interessa notarmos, ainda, que nessa construção heterodialógica por meio da PEC integral, o produtor do texto pode utilizar uma forma nominal cunhada no discurso outro para atualizar sentidos agregando novas informações por meio da recategorização, como acontece com a forma nominal “o boicote” que retoma “o movimento” no trecho (9) desta outra reportagem:

- (9) John amava Paul, que amava Ringo, que amava George, que amava John. Todos se davam tão bem que montaram a maior banda do planeta. Até que apareceu Yoko e a coisa desandou. John não fazia mais nada sem dizer amém a Yoko. O amor dos dois afetou as relações de amizade e profissionais de John. O resto é história.

Esse tipo de relação é tão comum que poderia ser batizado de síndrome de Yoko Ono – quando a dependência de um dos lados do casal o afasta dos amigos, da família e interfere até no trabalho. No primeiro momento, você não percebe o **movimento**, mas quando se dá conta não se lembra da última vez que saiu para tomar um chope com os amigos. “A mulher que faz isso faz conscientemente. Por insegurança, baixa autoestima ou para conseguir afeto de forma exclusiva. Daí o **boicote** acontece”, afirma a psicóloga Valéria Meirelles, terapeuta do Núcleo da Família e Comunidade da PUC de São Paulo. Mas ela ressalta que isso não quer dizer que as mulheres sejam mais manipuladoras que os homens ou que o homem que cai nessa não seja também responsável por aceitar essa dinâmica. É aí que reside o desafio: identificar onde **a coleira** aperta e se libertar **do aperto**

(OLIVEIRA, Maria Luisa. Chega de Coleira! *Revista Men's Health*, n.46, fevereiro 2010).

Nesse trecho (9), a função de encapsulamento possibilita a instauração de um novo referente no texto “o movimento”, que é imediatamente retomado, sendo sua progressão realizada por recategorização referencial através da cadeia anafórica: “o boicote”, “a coleira” e “o aperto”. O encadeamento referencial marcado por formas nominais avaliativas evidencia a presença de dois enunciadores – o jornalista e a psicóloga – que em consonância perspectivam o referente. Por fim, no trecho (10), cabe ainda observarmos a construção heterodialógica de dois objetos de discurso, “essa combinação” e “seus subordinados machos”:

- (10) A autora do estudo, a psicóloga Cailey Hartwick diz que, enquanto a concepção sobre as mulheres mudou – tornou-se mais aceitável elas serem assertivas sexualmente –, as ideias que os homens têm de si próprios permanecem as mesmas. “**Essa combinação** pode criar mulheres assertivas, mas com expectativas, e homens que se sentem pouco à vontade em recusar os avanços delas. É uma receita para encontros sexuais coercivos”, diz Cailey. Isso nos leva à psicóloga americana Jennifer Leigh, que observou um aumento significativo de “ataques de hienas” sobre os homens americanos. A razão da metáfora: as hienas fêmeas são mais agressivas que sua contraparte masculina. Empenham-se em provocações sexuais explícitas e forçam **seus subordinados machos** a fazer sexo oral (STODDARD, Grant. 2010 o seu ano na cama! *Revista Men's Health*, n.45, janeiro 2010).

O encapsulamento operado pela forma nominal “essa combinação” revela o quanto L1/E1 recorre ao e2 para validar seus argumentos e promover a coesão do texto, tal como no exemplo (9), em que L1/E1 enuncia em consonância com e2, trazendo para seu texto uma expressão dita em contexto anterior. Também neste trecho a forma nominal “seus subordinados machos”, ao retomar o referente homem, atribui-lhe propriedades que levam em conta as informações apresentadas pelas duas psicólogas. Dessa forma, esse jogo de vozes atravessa o discurso contribuindo para a construção dos objetos de discurso seja através do encapsulamento, seja através da retomada pontual, em que L1/E1 assume integralmente o pdv do outro com quem enuncia conjuntamente, na direção do mesmo ponto de vista.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Finalizando este artigo, podemos dizer que, tal como discutimos, a construção heterodialógica dos objetos de discurso está diretamente ligada às relações entre os

enunciadores, precisamente à maneira como o locutor/enunciador, enquanto produtor do texto, posiciona-se em relação ao ponto de vista de outros enunciadores que ele deliberadamente manifesta em seu texto. Essa forma de posicionar-se/relacionar-se está diretamente vinculada ao modo como o locutor apreende os objetos de discurso na relação com outros enunciadores ou simplesmente à expressão do ponto de vista, que não se limita à exposição de uma opinião, porque convoca distintos enunciadores instaurando-se por um jogo de vozes. É esse jogo de vozes que configura a orientação argumentativa do texto e sustenta a progressão referencial. Resta-nos investigar, ainda, se a construção heterodialógica dos objetos de discurso na relação com os enunciadores pode contribuir para particularizar diferenças entre os gêneros textuais quanto à forma de expressão do ponto de vista. Por último, há que se atentar também para a necessidade de ir além da dimensão intradiscursiva e analisar como se revela a construção dos objetos de discurso na relação entre leitor-autor, ouvinte-falante.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. APOTHÉLOZ, Denis; CHANET, Catherine. Défini et demonstrative dans les nominalisations. In: DE MULDER, Walter e Carl Vetters (éds.). *Relations anaphoriques et (in)cohérence*. Amsterdam: Rodopi, 1997.
2. APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Construction de la référence et stratégies de désignation. In : \_\_\_\_\_ (éds). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel : Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995.
3. APOTHÉLOZ, Denis; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. Interpretations and functions of demonstrative NPs in indirect anaphora. In: *Journal of Pragmatics*, n. 31, 1999.
4. BERRENDONER, Alain. Quelques notions utiles à la sémantique des descripteurs nominaux. In: \_\_\_\_\_; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José. (éds). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. SN complexes, nominalisation, anaphores. Neuchâtel: Institut de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995.
5. BLINKSTEIN, Isidoro. *Kaspar Hauser ou a fabricação da realidade*. São Paulo: Cultrix, 1985.

6. COLTIER, Daniele; DENDALE, Patrick; DE BRABANTER, Philippe. La prise en charge mise en perspective. *Langue Française*, v.2, n.162, 2009.
7. CONTE, Maria-Elizabeth. Encapsulamento Anafórico. In: CAVALCANTI, Mônica Magalhães; RODRIGUES, Bernadete Biase; CIULLA, Alena. *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
8. CORTEZ, Suzana Leite. A representação de pontos de vista no artigo científico. *Desenredo*, v.8, n.2, julho/dezembro 2012.
9. CORTEZ, Suzana Leite; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. A construção do ponto de vista por meio das formas referenciais. In: CAVALCANTE, Mônica Magalhães; LIMA, Silvana Maria Calixto de (orgs.). *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo : Cortez, 2012.
10. DE MULDER, Walter. Anaphore definie versus anaphore demonstrative: un problème sémantique? In: KLEIBER, Georges; TYVAERT, Jean-Emmanuel. *L'anaphore et ses domaines*. Metz: Faculté des Lettres e Sciences Humaines, 1990.
11. FRANCIS, Gill. *Anaforic Nouns*. Birmingham: English Learning Research, 1986.
12. FRANCIS, Gill. Labelling discourse: an aspect of nominal-group lexical cohesion. In: COULTHARD, Malcom (ed.). *Advances in written text analysis*. London: Routledge, 1994.
13. HAILLET, Pierre Patrick. Nature et fonction des représentations discursives: le cas de la stratégie de la version bemolisée. *Langue Française* n.142, 2004.
14. HAILLET, Pierre Patrick. *Pour une linguistique des représentations discursives*. Bruxelles: De Boeck, 2007.
15. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MARCUSCHI, Luiz Antônio. Processos de referenciação na produção discursiva. *D.E.L.T.A.*, n.14, n. especial, 1998.
16. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Desvendando os segredos do texto*. São paulo : Cortez, 2002.
17. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Sobre a seleção do núcleo das formas nominais anafóricas na progressão referencial. In : NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. (orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.
18. KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Referenciação e orientação argumentativa. In : KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina Bentes. *Referenciação e discurso*. São Paulo : Contexto, 2005.

19. MARCUSCHI, Luiz Antônio; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, Maria Bernadete (org.). *Gramática do Português falado*. Campinas: Edunicamp/Fapesp, 1998, vol. VIII.
20. MARCUSCHI, Luiz Antônio. O léxico: lista, rede ou cognição social? In: NEGRI, Lígia; FOLTRAN, Maria José; PIRES DE OLIVEIRA, Roberta. (Orgs.). *Sentido e significação: em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, 2004.
21. MARCUSCHI, Luiz Antônio. O barco textual e suas âncoras. In: KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça; MORATO, Edwiges Maria; BENTES, Anna Christina Bentes. *Referenciação e discurso*. São Paulo : Contexto, 2005.
22. MARCUSCHI, Luiz Antônio. A construção do mobiliário do mundo e da mente: linguagem, cultura e categorização. In: \_\_\_\_\_. *Cognição, linguagem e práticas interacionais*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007a.
23. MARCUSCHI, L.A. A ação dos verbos introdutores de opinião. In: \_\_\_\_\_ *Fenômenos de linguagem: reflexões semânticas e discursivas*. Rio de Janeiro: Lucerna, [1991] 2007b.
24. MONDADA, Lorenza; DUBOIS, Danièle. Construction des objets de discours et catégorisation: une approche des processus de référenciation. In: BERRENDONNER, Alain ; REICHLER-BÉGUELIN, Marie-José (éds). *Du syntagme nominal aux objets-de-discours*. Neuchâtel : Institute de Linguistique de l'Université de Neuchâtel, 1995.
25. MONDADA, Lorenza. *Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: Approche linguistique da la construction des objets de discours*. Lausanne: Université de Lausanne, 1994.
26. \_\_\_\_\_. Gestion du topique et organization de la conversation. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, n.41, jul/dez 2001.
27. RABATEL, Alain. *Une histoire du point de vue*. Metz: Université de Metz, 1997.
28. RABATEL, Alain. *Homo narrans. Pour une analyse énonciative et interactionnelle du récit. Tome 1. Les points de vue et la logique de la narration*. Limoges : Editions Lambert-Lucas, 2008.
29. RABATEL, Alain. Prise en charge et imputation, ou prise en charge à la responsabilité limitée... *Langue Française*, v.2, n.162, 2009.

30. RABATEL, Alain. O papel do enunciador na construção interacional dos pontos de vista. In : EMEDIATO, Wander (org.). A construção da opinião na mídia. FALE/UFMG : Belo Horizonte, 2013.

**ABSTRACT:** While articulating the theoretical framework of referenciation theory with the enunciation-interactional approach of the point of view, this article claims that the construction of objects of discourse through nominal anaphoric forms is performed by a layering of the voices of distinct utterers, who accordingly anchor and discursively sustain the referent, thus revealing the text's argumentative orientation. In this process, the mode of presentation of the referent is directly linked to the expression of the point of view. In order to entertain such questions, we first discuss the framework supporting our comprehension of referential nominal forms. Next, we examine the notion of point of view. We finally analyze some texts that display the heterodialogic construction of nominal forms.

**Keywords:** Referenciation; Nominal anaphoric forms; Heterodialogism; Point of view.

Recebido no dia 25 de junho de 2015.

Aceito para publicação no dia 10 de agosto de 2015.